

Slow Cities :

uma experiência da contemporaneidade

Eloisa Estrela de Oliveira*

Resumo Na modernidade o capitalismo é a ordem social em ascensão, o capital surge para desterritorializar e mudar a relação das pessoas e instituições com o tempo, com suas identidades e com o território. Num mundo globalizado, cidades caminham para homogeneização. “Fluidez”, velocidade e instabilidade (traços de uma sociedade líquida moderna) fazem surgir movimentos sociais contrários a esta lógica e que passam a questionar seus efeitos sobre os indivíduos, mostrando que existe alternativa para uma vida mais equilibrada e saudável; o *slow movement* é um deles e dentre suas vertentes, o movimento *slow cities* surge e traz para a reflexão a necessidade de repensar a vida nas cidades contemporâneas e a necessidade de humanização e de resgate das identidades nestes espaços.

Palavras-chave: identidade, modernidade líquida, *slow city*.

Slow Cities : una experiencia de la contemporaneidad

Resumen En la modernidad el capitalismo es el orden social en ascenso, la capital emerge para desterritorializar y cambiar la relación de personas e instituciones a lo largo del tiempo, con sus identidades y con el territorio. En un mundo globalizado, las ciudades caminan hasta la homogeneización. La “fluidez”, la velocidad y la inestabilidad (rastros de una sociedad líquida moderna) hacen que los movimientos sociales parezcan contrarios a esta lógica y que comienzan a cuestionar sus efectos sobre los individuos, demostrando que hay una alternativa a una vida más equilibrada y un movimiento sano y lento es uno de ellos y entre sus aspectos, el movimiento de las ciudades lentas emerge y aporta a la reflexión la necesidad de repensar la vida en las ciudades contemporáneas y la necesidad de humanización y redención de identidades en estos espacios.

Palabras clave: identidad, modernidad líquida, *slow city*.

Slow Cities : an experience of contemporaneity

Abstract In modernity capitalism is the social order on the rise, the capital emerges to desterritorialize and change the relationship of people and institutions over time, with their identities and with the territory. In a globalized world, cities walk to Homogenization. “Fluidity”, speed and instability (traces of a modern liquid society) make social movements appear contrary to this logic and that begin to question their effects on individuals, showing that there is an alternative to a more balanced life and Healthy, slow movement is one of them and among its aspects, the slow cities movement emerges and brings to the reflection the need to rethink life in contemporary cities and the need for humanization and redemption of identities in these spaces.

Keywords: identity, liquid modernity, *slow city*.

A contemporaneidade compreendida no contexto da modernidade líquida proporciona uma vida instável, de incertezas e constantes mudanças (BAUMAN, 2001). A modernidade líquida é um conceito cunhado por Bauman (2001) para ilustrar a fluidez das mudanças na sociedade, que pode ser facilmente moldada e adaptada, mantendo suas propriedades originais, onde as formas de vida moderna se assemelham pela “vulnerabilidade e fluidez e são incapazes de manter a identidade por muito tempo” (BAUMAN, 2001), inóspita ao planejamento, onde o senso de comunidade tem sido deixado de lado, e o consumo é a força que impulsiona e organiza as relações sociais e institucionais. O que reforça um estado temporário das relações sociais

O território, como elemento físico, material e imaterial inerente ao homem, tem papel central nas relações deste com o seu tempo, e, na contemporaneidade, reflete o poder transformador da globalização - que produz diferentes resultados nas diferentes escalas.

No capitalismo as pessoas vivem numa corrida contra o relógio (HONORÉ, 2004), seguindo um estilo de vida “fast food”. A percepção dos efeitos (negativos) deste estilo de vida é objeto de questionamento de movimentos avessos a este modo de vida. O *slow movement* e seus desdobramentos materializam estas reflexões.

Slow cities (cidades lentas) é uma das vertentes do *slow movement*, e este artigo pretende contextualizar e compreender o surgimento das *slow cities* na contemporaneidade, à luz da modernidade líquida (BAUMAN, 2001), a partir de uma abordagem histórica dos processos que contribuíram para a configuração da contemporaneidade, tomando, como base, elementos de constituição e apropriação do território.

Modernidade líquida: um olhar sobre a contemporaneidade

O estudo acerca da modernidade, assim como sua época, é bastante amplo e incorpora uma multiplicidade de conceitos. Diversos autores expõem suas análises que, às vezes, se assemelham, contrariam ou se completam. A mesma dificuldade é encontrada ao estabelecer a contextualização inicial da Era Moderna (CEDRO, 2005, p.04), porém, dois momentos históricos são decisivos para que a modernidade se estabeleça: A Revolução Francesa – que rompe com a estrutura social e política do antigo regime, lançando as bases para a estruturação da política moderna; e a Revolução Industrial – que provoca mudanças econômicas decisivas que aceleram e consolidam o capitalismo (HOBBSAWM, 1991).

A ordem social emergente da modernidade é capitalista tanto em seu sistema econômico como em suas outras instituições. O caráter móvel, inquieto da modernidade é explicado como um resultado do ciclo investimento-lucro-investimento que, combinado com a tendência geral da taxa de lucro a declinar, ocasiona uma disposição constante para o sistema se expandir. (GIDDENS, 1991.p.20)

* Eloisa Estrela de Oliveira é graduada no Bacharelado Interdisciplinar de Ciências e Humanidades, Universidade Federal do ABC, ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-9817-2705>>.

A modernidade trouxe consigo a capacidade de “derreter sólidos” (BAUMAN, 2001), ou seja, as estruturas políticas, sociais e econômicas, bem como as relações sociais sólidas que ela recebia da sociedade tradicional, são “dissolvidas”, ou seja, reformuladas e reestruturadas. Para Bauman (2001), a modernidade se divide em duas etapas:

Primeira etapa – modernidade sólida: Marcada pela Revolução Industrial e Francesa, na qual os pioneiros da modernidade, movidos pela insatisfação com que as estruturas políticas e sociais se organizavam (solidez), buscaram “derreter sólidos” e construir uma nova ordem moderna, distinta do passado, e que seria perfeita.

Segunda etapa – modernidade líquida: Não há pós-modernidade (como marco do fim da modernidade), mas sim a continuidade da modernidade com uma mecânica diferente, chamada de modernidade líquida, e que é o período no qual se vive atualmente.

O “líquido” é uma metáfora para ilustrar a fluidez das mudanças na sociedade, que pode ser facilmente moldada e adaptada, mantendo suas propriedades originais, onde as formas de vida moderna se assemelham pela “vulnerabilidade e fluidez e são incapazes de manter a identidade por muito tempo”; o que reforça um estado temporário das relações sociais.

A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incertezas constantes (BAUMAN, 2009, p.8), caracterizando-se pela substituição da ideia de coletividade (e de solidariedade) pelo individualismo, deixando de lado as questões da comunidade, da nação, do grupo ou movimento a que cada um pertence.

O homem passa a ser dinâmico, pois ele não se fixa mais à ruralidade e ao controle feudal e sim, à liberdade, aventura, vontade de ganhar dinheiro, que ele encontra na mobilidade urbana. Sua posição não é mais coletiva como na Idade Média, surgindo um individualismo que o leva a crer em sua própria capacidade de fazer História. O homem vive uma vida dupla, ou seja, o concreto e o abstrato se interpenetram, o primeiro inserido em seu novo mundo cotidiano e o segundo enraizado nos seus sentimentos e emoções. (CEDRO, 2005, p.05)

Com o advento da modernidade o capital nasce e traz consigo a característica de desterritorializar (LATOUCHE, 1989), levando as cidades e as relações para os consequentes movimentos globalização e homogeneização (SALAMI, 2015, p.02).

No capitalismo, o centro da vida social passa a ser o consumo, e o consumismo passa ser a parte que estrutura e organiza o arranjo social.

O consumo organiza as relações sociais e possui um papel, não apenas fundamental na formação das identidades das pessoas, mas também na relação entre elas. A partir deste momento, muda também a relação entre as pessoas, dos Estados com seus cidadãos e a percepção de tempo.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão

também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 1998, p. 09)

O tempo, a partir desse momento, se transformou numa cultura do “agora”, do imediatismo, característico de uma sociedade de consumidores. Não há linearidade e continuidade, como na antiga tradição ocidental. O tempo agora é pontilista, descontínuo, fragmentado ou mesmo pulverizado, numa multiplicidade de “instantes eternos” (BAUMAN, 2008, p. 46), cheio de rupturas, “inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento em longo prazo” (BAUMAN, 2008, p.45), cada momento é único e encerra-se em si mesmo, onde a ideia de continuidade é difícil de manter.

Slow movement

Nas últimas décadas, o custo-benefício advindo da aceleração teria diminuído, e começado a trazer os malefícios da alta velocidade, fazendo com que as pessoas vivam em uma corrida contra o relógio, na qual a linha de chegada nunca pode ser visualizada (HONORÉ, 2004).

A percepção do esgotamento das formas de exploração do ser humano e do ambiente abre caminho para reflexões a respeito dos sentidos perdidos, e movimentos sociais que se propõem a serem alternativas aos estilos de vida da contemporaneidade não param de surgir (BATISTA et al, 2013). Neste cenário surge o *slow movement*.

O *slow movement* é um movimento de proporção mundial, que teve sua origem a partir do Movimento *Slow Food*, na Itália (1990) – movimento pensado como uma reação à cultura do *fast food* (massificado e impessoal), objetivando uma maior apreciação da comida e a valorização da produção dos alimentos.

Repensar a relação do homem consigo, com seu meio, com seus sistemas de escala industrial (CARP, 2014), com seu ordenamento institucional, tudo isso a partir da transformação da relação da sociedade com o tempo, são objetivos do *slow movement*; que representa uma tentativa de conscientização e de estímulo às pessoas, mostrando que existe alternativa para viver com mais qualidade neste contexto, onde o “turbo-capitalismo” tem um custo humano muito alto. (NAIGEBORIN, 2011, p. 32).

O movimento cresce à medida que os indivíduos tomam consciência que essa cultura do rápido faz com que surjam problemas nos relacionamentos, na saúde, na alimentação, no trabalho e no meio ambiente (HONORÉ, 2004), e ramificações deste movimento começam a aparecer: *slow travel, slow schools, slow family, slow living, slow medicine, slow design, slow book, slow cities* - entre outros.

O objeto de estudo deste artigo, o movimento “*slow city*”, aparece como um alerta para repensar o estilo de vida nos centros urbanos, tendo, como meta, desacelerar e humanizar as cidades, e, como consequência, melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Slow city : uma definição

Frear a uniformidade da globalização, preservar os tesouros únicos de cada região, ampliar a filosofia do *Slow Food* para as comunidades locais e para o governo das cidades, são objetivos das *Slow Cities ou Cittaslow* (em Italiano), movimento fundado em 1999 por Paolo Saturnini, na ocasião prefeito da cidade de Greve in Chianti, localizada na Toscana (Itália).

A proposta não é negar a influência da modernidade nas cidades, mas sim aliar o melhor dos dois mundos, o moderno e o tradicional. Criar:

Cidades onde os homens ainda são curiosos dos velhos tempos, cidades ricas de teatros, praças, cafés, oficinas, restaurantes e lugares espirituais, cidades com paisagens intocadas e artesãos encantadores onde as pessoas ainda são capazes de reconhecer o curso lento das estações e seus produtos genuínos respeitando gostos, saúde e costumes espontâneos. (Manifesto Cittaslow)

Para tornar-se membro, a cidade deve avançar na garantia de um estilo de vida calmo. E uma vez inscrita, pagam anualmente pela participação. Considerando a singularidade de cada cidade, elas são divididas em três categorias: Povoado *Cittaslow*: para menos de 50 mil habitantes; Partidário *Cittaslow*: para mais de 50 mil habitantes; e Amigo *Cittaslow* : os indivíduos e famílias que promovam seus princípios.

O movimento reúne adeptos de todo o mundo, e se tornou em uma associação internacional, *Cittaslow* <<http://www.cittaslow.org/>>. Os membros formam uma rede nacional atenta às características e às especificidades de cada território, e se juntam para estabelecer uma rede mundial para compartilhar as melhores práticas de governos lentos.

Quando uma cidade se torna uma Cidade Lenta, alguns dos objetivos podem já fazer parte da herança da cidade. Outras mudanças, no entanto, sempre podem ser introduzidas e aplicadas – muitas vezes se inspirando nos programas desenvolvidos em outras cidades.

Para alcançar o status de “Cidade Lenta”, uma cidade deve concordar e aceitar as diretrizes do *slow food*; e pensar em políticas energéticas e ambientais, infraestrutura, qualidade de política urbana, políticas agrícolas, turísticas e artesanais, política de acolhimento e de sensibilização, a fim de melhorar a convivência e conservar o meio ambiente local (REDE..., c2018).

Municípios que se juntam à associação são motivados por pessoas curiosas de um tempo recuperado, onde o homem ainda é protagonista da sucessão lenta e saudável das estações, respeitando a saúde dos cidadãos, a autenticidade dos produtos e boa comida, rica de fascinantes tradições artesanais de valor, obras de arte, praças, teatros, lojas, cafés, restaurantes, lugares do espírito e paisagens intocadas, caracterizadas pela espontaneidade dos ritos religiosos, respeito às tradições pela alegria de uma vida lenta e tranquila. (REDE..., c2018)

As *slow cities* estão em 241 cidades, presentes em 30 países e territórios do mundo (REDE..., c2018), que trabalham em prol da sustentabilidade e da redução da pegada

¹ A Pegada Ecológica é uma metodologia de contabilidade ambiental que avalia a pressão do consumo das populações humanas sobre os recursos naturais. Expressada em hectares globais, permite comparar diferentes padrões de consumo e verificar se estão dentro da capacidade ecológica do planeta. Um hectare global significa um hectare de produtividade média mundial para terras e águas produtivas em um ano.

ecológica¹, comprometendo-se a redescobrir o tradicional e aproveitar ao máximo os recursos (através da reciclagem e da reutilização), se apropriando das novas tecnologias.

O objetivo final é o desenvolvimento duradouro (diverso de crescimento) e a paz entre os povos. Isto é o que os prefeitos lentos fazem todos os dias, através de centenas de projetos em todo o mundo. (REDE..., c2018)

Slow city e a questão do território

O território é num sentido físico, material algo inerente ao próprio homem, quase como se ele fosse uma continuidade do seu ser, como se o homem tivesse uma raiz na terra – o que seria justificado, sobretudo pela necessidade de seus recursos, para a sua sobrevivência biológica. (HAESBAERT, 2002)

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte, ou do mesmo grupo social, ou de grupos distintos. Nas territorialidades há continuidades e descontinuidades, no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009).

Os homens têm centralidade na formação de cada território: cristalizando relações de influência, afetivas, simbólicas, conflitos, identidades, etc. Tanto os processos identitários, como os conflituosos e transformativos, são históricos e relacionais, e, ao mesmo tempo, materiais e imateriais.

A territorialização é resultado e condição dos processos sociais/espaciais, e significa movimento histórico e relacional. Sendo multidimensional, pode ser detalhada através das desigualdades e das diferenças, e, sendo unitária, através das identidades (SAQUET, 2009, p.83). A própria identidade é substantivada por relações desiguais e por diferenças, o que, contraditoriamente, torna mais complexa (e dificulta) as atividades de pesquisa (e leitura) dos fenômenos e processos territoriais (SAQUET, 2009).

A territorialidade efetiva-se em distintas escalas espaciais, e varia no tempo através das relações de poder, das redes de circulação e de comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações sociais realizadas entre sujeitos, e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente (SAQUET, 2009, p.87). Para alguns autores, os processos dominantes de globalização teriam conduzido ao mundo desenraizado (móvel), dos fluxos – circulação de mercadorias, capitais e pessoas e das redes, meios de comunicação em geral (HAESBAERT, 2002).

A constituição do Estado-nação pressupõe o isomorfismo entre povo, território e soberania legítima, que se encontra ameaçado pelas formas de circulação de pessoas características do mundo contemporâneo. Tornou-se notável como, no mundo em que vivemos, o movimento humano costuma ser decisivo na vida social, e não algo excepcional.

Na contemporaneidade, o advento da globalização proporciona uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e de consumo, às quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas (WOODWARD, 2000, p.13).

² Quanto mais as ideias se tornam automáticas, instrumentalizadas, menos alguém vê nelas pensamentos com um significado próprio. São consideradas como coisas, máquinas. (HORKHEIMER, 1974, p. 30-31).

Os “territórios” (geográficos, sociológicos, afetivos), estão sendo destruídos, com as identidades culturais (que seriam também territoriais) e o controle (principalmente estatal) sobre os espaços. A razão instrumental², por meio de suas redes técnicas globalizadoras, tomaria conta do mundo, surgindo uma sociedade-rede (CASTELLS, 2000), onde proliferariam cada vez mais “não lugares” (AUGÉ, 1992).

Essas novas identidades, caricaturalmente simbolizadas, às vezes, pelos jovens que comem hambúrgueres do McDonald’s (fast food) e que andam pela rua de Walkman, formam um grupo de “consumidores globais” que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo e que mal se distinguem entre si. O desenvolvimento global do capitalismo não é, obviamente, novo, mas o que caracteriza sua fase mais recente é a convergência de culturas e estilos de vida nas sociedades que, ao redor do mundo, são expostas ao seu impacto. (ROBINS, 1991)

A globalização produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade, relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência, que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais, ou levar ao surgimento de novas posições de identidade.

³ “Cidades Vivas” conceito adotado por Jacobs como antítese de cidades monótonas, inertes que “contêm, na verdade, as sementes de sua própria destruição e um pouco mais”. Cidades vivas, por sua vez estão está espontaneamente mudando, crescendo. Diversificadas e intensas contêm as sementes de sua própria regeneração, com energia de sobra para os problemas e as necessidades de fora delas.

As cidades vivas³ têm uma capacidade natural de compreender, comunicar, planejar e inventar o que for necessário para enfrentar as dificuldades (JACOBS, 2000, p.295), e as *slow cities* surgem na contemporaneidade como uma proposta revolucionária de desenvolvimento (não apenas urbano), igualmente sustentável, buscando desacelerar a vida nas cidades, resgatando as identidades locais, e melhorando a qualidade de vida das pessoas - a partir da proposta de valorização do território, do meio ambiente, e, especialmente, da alimentação local, resgatando as identidades locais.

Valorizando a ligação “natural” com a terra, temos uma interpretação naturalista do território, envolvendo o campo dos sentidos e da sensibilização humana, que seriam particularmente moldados pela “natureza” ou pela “paisagem” ao seu redor. Esta visão sobrevaloriza e praticamente naturaliza uma ligação afetiva, emocional, do homem com seu espaço. Aqui o território seria um imperativo, não tanto para a sobrevivência física dos indivíduos, mas, sobretudo para o “equilíbrio” e a harmonia homem-natureza, onde cada grupo social estaria profundamente enraizado a um “lugar” ou a uma paisagem, com a qual particularmente se identifica. (HAESBAERT, 2002, p.118)

Cidades lentas (*slow cities*) são lugares onde cidadãos e líderes locais prestam atenção à história, utilizando o distinto contexto local para desenvolver maneiras melhores e mais sustentáveis (MAYER e KNOX, 2009) de vida. Propõe-se a transição de uma sociedade com modelos culturais guiados pela eficiência, uniformização e pela síndrome do tempo, para uma sociedade com modelos mais holísticos e integrativos (ARINS e VAN BELLEN, 2009, p.19); com mudanças de comportamento e com a humanização da sociedade, não negando a velocidade em si, mas propondo uma relação mais saudável e equilibrada com ela.

Considerações finais

Para compreender o surgimento das *slow cities* na contemporaneidade tomou-se como base o conceito de modernidade líquida (BAUMAN, 2001), que ilustra a “fluidez” advinda da modernidade no advento da globalização (SALAMI, 2015), proporcionando uma vida instável, incerta e com constantes mudanças, onde a relação do homem com o tempo é acelerada e fragmentada. As ações não têm tempo de se consolidar, e as pessoas vivem num modo “automático”³, esquecendo suas origens, suas identidades, onde seu tempo se baseia na lógica do mercado, e onde o individualismo é acentuado.

O capital tem um potencial de desterritorialização (LATOUCHE, 1989), e, neste contexto, as cidades caminham para um processo de homogeneização (SALAMI, 2015).

Neste cenário, as *slow cities* podem ser compreendidas como uma tentativa de resistência aos modos de vida acelerado, uma vez que, dentro do movimento, os indivíduos buscam retomar os conceitos de identidades territoriais e de coletividade, adotando um modo de vida desacelerado, onde o homem ainda tem protagonismo em seu meio.

As *slow cities*, dentro do contexto globalizado, são também uma alternativa de desenvolvimento sustentável, por valorizarem as características locais de cada espaço, e, ao mesmo tempo, utilizarem-se da tecnologia para melhor aproveitamento dos recursos.

As *slow cities* podem não ser o modelo ideal de cidades, por não suportar as complexidades de uma grande metrópole global, por exemplo, mas podem ser consideradas uma importante tentativa de reflexão (e de luta) contra os modos de vida da contemporaneidade, e uma semente que poderá, eventualmente, render frutos.

Referências bibliográficas

- ARINS, H. B.; VAN BELLEN, H. M. *Movimento Slow: uma análise sob a ótica dos enclaves do eco desenvolvimento* (2009). Disponível em: <<https://bit.ly/2KPRosA>>. Acesso em: 03 de abril de 2018.
- AUGÉ, Marc. (1992). *Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 1ª edição francesa. Lisboa, 90 Graus.
- BATISTA, Klein, M., & Iochins Grisci, C., & Gallon, S., & Dantas de Figueiredo, M. (2013). Slow Movement: trabalho e experimentação do tempo na vida líquido-moderna. *Psicologia & Sociedade*, 25 (1), 30-39.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Trad. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura, p.25.
- BAUMAN, Zigmunt (2009). *Vida Líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros – 2. ed. – Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (2001). *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien – Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (2008). *Vida para consumo*. Tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Zahar.
- CASTELLS, M. A (2000). *Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra (4ª Edição).
- CARP, Jana. *The Importance of “Slow” for Liveable Cities*. Disponível em: <<https://bit.ly/2I2A-SaN>>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

- CEDRO, Marcelo. *A Modernidade em Marx e em Weber*. Disponível em: <<https://bit.ly/2jlsA9w>> Acesso em: 01 de maio de 2018.
- CITTA SLOW. Disponível em: <<http://www.cittaslow.org/>>. Acessado em 20 de abril de 2018.
- GAULEJAC, V. (2007). *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- GIDDENS, Antony (1991). *Conseqüências da Modernidade*. Trad. Raul Fixer. São Paulo: Unesp.
- HALL, Stuart (1998). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A.
- HARVEY, David (1999). *Condição pós-moderna*. 8ª ed. trad.: Adail Ubirajara, Maria Stela. São Paulo: Loyola. p.107.
- HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- HOBBSAWM, Eric J. (1991). *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HONORÉ, Carl (2004). *In Praise of Slow: How a Worldwide Movement Is Challenging the Cult of Speed*. 1ª ed. Grã-Bretanha.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Ed. Labor, 1976.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades* (2011) / Jane Jacobs; tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. – 3 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes – (Coleção cidades).
- LATOUCHE, S. (1989). *L'Occidentalisation du Monde: essai sur la signification, la Portée et les limites de l'uniformisation planétaire*. Paris: La Découverte.
- MAYER, Heiki and KNOX, Paul L. *Slow Cities: Sustainable in a fast word*. Disponível em: <<https://bit.ly/2I8aE2J>>. Acesso em: 01 de março de 2018.
- NAIGEBORIN, Mariana Barrichello (2011). O Movimento Devagar e seu significado plural na contemporaneidade mutante. *Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)*. ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PEGADA ECOLÓGICA? O QUE É ISSO?. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/pegada_ecologica/o_que_e_pegada_ecologica/>. Acesso em: 26 de dezembro de 2018.
- ROBINS, K. (1991). Tradition and translation: national culture in its global context". In Corner, J. and Harvey, S. (orgs). *Enterprise and Heritage: Crosseuness of National Culture*, Londres: Routledge.
- SALAMI, Roozbeh. *The Slow City Movement as an Alternative Approach to Sustainable Development: Assessments in Seferihisar, Turkey*. Disponível em: <<https://bit.ly/2rvAIOJ>> Acesso em: 01 de abril de 2018.
- SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos* (2009). 1º ed. São Paulo: *Expressão Popular*: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Recebido [Dez. 28, 2018]

Aprovado [Nov. 06, 2020]